Autoconceito de excepcionais: problemas de avaliação*

EUNICE M. L. S. DE ALENCAR**

Neste estudo, discutem-se alguns problemas observados em uma tentativa de avaliar o autoconceito de alunos excepcionais. Foi constatado que as limitações desses sujeitos em termos de habilidade de leitura, de compreender o que lhes é solicitado, de refletir sobre as suas próprias características e de responder com *insight* tornam os dados obtidos com estes sujeitos através de escalas e questionários pouco fidedignos. Em função de dificuldades encontradas, foram sugeridas a investigação de outras variáveis que podem afetar o autoconceito do excepcional, como as atitudes de pais e professores com relação a esta amostra de sujeitos, e a utilização de outros métodos e procedimentos, especialmente a observação do comportamento em diferentes ambientes, para se obter dados sobre fatores de natureza afetiva.

Nos últimos anos, inúmeras dimensões psicológicas relacionadas à situação de ensino têm sido objeto de investigações. Tanto as características de professores, quanto de alunos que interagem entre si e com outras variáveis no contexto escolar, facilitando ou dificultando a aprendizagem efetiva, têm sido amplamente pesquisadas, especialmente entre professores e alunos de escolas regulares.

Dentre as variáveis relativas ao aluno que foram objeto de investigações, as quais indicaram influência no aproveitamento acadêmico e motivação para o estudo do aluno, salientam-se as suas atitudes gerais com relação ao contexto escolar e o seu autoconceito como aluno. Nesta área, há estudos indicando uma relação entre autoconceito e comportamentos apresentados em sala de aula, tendo sido observado que alunos com um autoconceito mais positivo apresentam comportamentos mais adequados em sala de aula do que aqueles com um autoconceito mais negativo (Shiffler, Lynch-Sauer & Nadelman, 1977). Constatou-se ainda (Davidson & Lang, 1960) uma relação positiva entre autoconceito, realização acadêmica e comportamentos desejáveis em sala de aula. Uma relação positiva entre as atitudes do aluno para com a escola e o seu sucesso acadêmico foi também observada por Lunn (1972).

No Brasil, pesquisas realizadas por Alencar (1979) indicaram atitudes mais positivas, tanto com relação à escola, como com relação a si mesmos entre alunos do sexo feminino. Tais resultados foram explicados por nós em função das características de nossa escola: pressão ao conformismo, posição passiva diante do professor, ênfase em comportamentos mais típicos ao sexo feminino. Tais características resultariam em atitudes mais negativas com relação à escola por parte de alunos do sexo masculino e se refletiriam também em seu autoconceito como aluno e em suas atitudes em relação aos colegas.

Comparando-se alunos de diferentes níveis sócio-econômicos (Alencar, 1979), observou-se que tanto o autoconceito como as atitudes em relação aos colegas foram sistematicamente mais

* Artigo apresentado à redação em 22.7.81.

** Professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília. (Endereço da autora: Departamento de Psicologia – Universidade de Brasília – *Campus* Universitário – Área Norte – Brasília, DF.)

negativas entre alunos de nível sócio-econômico baixo. Tais resultados sugerem que o fato de estarem menos satisfeitos consigo mesmos e com a maneira como fazem as tarefas exigidas na escola pode ter levado estes alunos a projetar nos colegas as críticas que fazem a si mesmos, o que resultaria em uma atitude mais negativa também em relação aos colegas.

Quanto às diferenças entre alunos das diversas séries (da 3.ª a 7.ª séries), os dados obtidos por nós (Alencar, 1980) indicaram atitudes mais negativas em relação à escola entre alunos da 7.ª série, embora os alunos de 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª séries não diferissem entre si. Tais resultados diferem, em parte, daqueles observados por pesquisadores que se interessaram pelo problema em outros contextos culturais, os quais observaram uma atitude progressivamente menos favorável com relacão ao contexto escolar à medida que aumentava o número de anos de permanência na escola (Lewis, 1974; Dunn, 1968).

Entretanto, quando se levanta a questão a respeito de que atitudes com relação à escola prevalecem entre alunos excepcionais ou a respeito de seu autoconceito, pode-se constatar que muito pouco se investigou sobre estes aspectos. Observa-se, por outro lado, um consenso entre educadores de escolas especiais quanto à influência das percepções que o aluno excepcional tem para consigo mesmo e para com a escola no seu desempenho e comportamento neste contexto.

O objetivo do presente artigo é rever as pesquisas sobre o autoconceito entre sujeitos excepcionais, os instrumentos que têm sido utilizados nestas pesquisas e relatar algumas dificuldades encontradas quando se tentou investigar o autoconceito de uma amostra de alunos de escolas especiais de Brasília, DF.

Dentre os estudos realizados com amostras de excepcionais, salientam-se os de Black (1974), Wood & Johnson (1971), McFern (1974), Calhoun & Elliot (1977), Wynn (1975) e Bachar (1970).

Black (1974) investigou o autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem, comparando-as com crianças normais. Este autor observou um autoconceito mais negativo neste primeiro grupo, observando ainda um decréscimo significativo nesta dimensão à medida que se avançava em idade cronológica e série, especialmente entre os sujeitos excepcionais. Também Wodd & Johnson (1972) investigaram a auto-estima de alunos com problemas comportamentais sérios em uma amostra de sujeitos de 4.ª a 6.ª séries. Seus resultados indicaram também que este grupo apresentava uma auto-estima mais baixa do que sujeitos de classes regulares que tinham sido testados por outros pesquisadores. Já McFern (1974) investigou o autoconceito de adolescentes em quatro áreas de excepcionalidade – surdos, cegos, portadores de visão subnormal e deficientes físicos. Diferenças foram observadas entre os quatro grupos quanto ao autoconceito, sendo este ainda negativo em comparação com um grupo de adolescentes sem estes tipos de problema. Calhoum & Elliot (1977) investigaram o autoconceito entre alunos com distúrbios emocionais e um grupo de alunos retardados. Estes sujeitos que freqüentavam classes especiais foram comparados com outros que apresentavam características semelhantes (distúrbios emocionais ou retardo mental), mas que permaneceram em classes regulares. Estes autores verificaram que tanto os sujeitos com distúrbios emocionais quanto aqueles com um atraso intelectual, que permaneceram em classes regulares, apresentavam um autoconceito mais positivo que os seus colegas encaminhados a classes especiais. Wynn (1975) comparou também o autoconceito de crianças com retardo mental (educáveis) que residiam em várias instituições com outras que residiam em sua comunidade com seus pais. Este autor observou um autoconceito mais positivo em alunos do sexo masculino e em sujeitos que não residiam em instituições. Finalmente Bachar (1970) investigou o autoconceito entre adolescentes surdos que estudavam em dois tipos de escola: residencial ou não-residencial. Os resultados indicaram semelhanças no autoconceito de ambos os grupos.

Uma análise da literatura a respeito do autoconceito de sujeitos excepcionais sugere que poucos estudos foram realizados, concentrando-se os pesquisadores na investigação do autoconceito de sujeitos normais. Esta análise indica que amostras reduzidas de sujeitos têm sido utilizadas, podendo-se constatar ainda que muitos dos instrumentos usados para medir o autoconceito não foram desenvolvidos com vistas a serem utilizados com sujeitos excepcionais.

A literatura escassa nessa área é explicada pelas grandes dificuldades de se medir variáveis psicológicas entre sujeitos com diferentes tipos e graus de excepcionalidade. De modo geral, nos estudos sobre atitudes, se utilizam instrumentos como escalas ou questionários, exigindo do sujeito uma habilidade de leitura ou uma percepção clara dos seus sentimentos. No caso do excepcional, tanto um aspecto como o outro deixam a desejar, observando-se ainda dificuldades por parte deste grupo em relatar os seus sentimentos.

Por outro lado, existe uma série de idéias preconcebidas e crenças no campo da excepcionalidade. Uma delas – compartilhada por psicólogos e educadores – é que as crianças excepcionais atribuem sempre a si mesmas autoconceitos negativos, o que é explicado como resultado do desequilíbrio entre as competências da criança, na área intelectual ou física, e as exigências de seu ambiente. Prevalece também a idéia de que o aluno excepcional que é encaminhado a uma classe especial apresenta um autoconceito mais positivo do que aquele que permanece em uma classe regular, em função da homogeneidade do primeiro grupo.

Após realizar uma série de estudos a respeito das atitudes para com a escola, colegas e autoconceito entre alunos de diferentes séries (Alencar, 1980), classe social e condições de responder ao instrumento (identificando-se ou não) (Alencar & Pasquali, 1978; Alencar, 1979), nos interessamos em investigar alguns desses aspectos em amostras de crianças excepcionais. Para tal, escolhemos inicialmente uma amostra de crianças surdo-mudas e posteriormente uma outra portadora de retardo mental (educáveis).

Era nossa intenção aplicar os mesmos instrumentos utilizados em amostras de alunos de escolas regulares nestes sujeitos, mudando apenas a forma de aplicação, que havia sido coletiva entre alunos de escolas regulares e que pretendíamos aplicar individualmente no caso do aluno excepcional, no sentido de facilitar seu entendimento dos itens e suas respostas aos mesmos.

No instrumento original utilizado, itens como "eu gosto de conversar sobre a minha escola", "eu sinto que posso sair bem nas tarefas que faço", "os meus colegas gostam que eu trabalhe ou estude com eles" eram respondidos em uma escala de cinco pontos que ia de "sempre" ou "concordo totalmente" a "nunca" ou "discordo totalmente", para se inferir as atitudes do aluno com relação a três aspectos – escolas, colegas e autoconceito.

Em uma primeira tentativa de aplicação, constatamos, porém, a impossibilidade de aproveitamento dos instrumentos originais para a amostra de alunos excepcionais. Mesmo com a ajuda da professora de classe, os alunos não conseguiam entender o conteúdo e responder adequadamente aos itens.

A partir desta experiência inicial, levantamos, então, na literatura especializada, os instrumentos que têm sido utilizados em pesquisas com este grupo de sujeitos. Verificamos que um dos instrumentos mais citados pela literatura denomina-se "Como eu me sinto a respeito de mim mesmo", desenvolvido por Pier & Harris (1964). Este instrumento cobre diferentes áreas como comportamento, aparência física, ansiedade, felicidade e satisfação, incluindo itens como "eu sou nervoso", "eu tenho freqüentemente medo", "é difícil para mim fazer amigos", "eu sou feio", "eu esqueço o que aprendo", etc. A literatura registra várias pesquisas com este instrumento, com amostras de crianças retardadas e perturbadas emocionalmente (Calhoun & Elliot, 1977; Wynn, 1975; Black, 1974). Outros instrumentos citados pela literatura são a escala de autoconceito de Tennesee (McFern, 1974), a escala de atitudes para com o *self* de

Laurelton e o inventário de auto-estima de Coopersmith (Wood & Johnson, 1972). Salienta-se, entretanto, que, apesar de instrumentos como estes estarem sendo aplicados nas investigações na área, inúmeros problemas têm sido levantados relativos à sua validade e interpretação (Lawrence & Winschel, 1973). Observamos também que os mesmos cobriam um vocabulário extenso, o qual não era dominado por nossos alunos excepcionais, não podendo, portanto, serem utilizados em estudos realizados em nosso contexto.

Em função dessas dificuldades encontradas, concluímos que uma forma viável de se avaliar o autoconceito de sujeitos excepcionais seria através de um levantamento de termos utilizados por esses sujeitos para se referir a si mesmos e a seus colegas.

Este levantamento foi, então, feito por nós através de discussão com professores e orientadores de uma escola para alunos excepcionais. A partir deste levantamento, elaboramos uma lista composta dos adjetivos mais freqüentes. Esta lista foi, então, aplicada individualmente da seguinte forma: perguntava-se inicialmente o nome e a idade do sujeito e se dizia para ele: "todos nós temos uma idéia da pessoa que somos. Procure imaginar como você acha que é, descrevendo-se através das palavras apresentadas a seguir". Mostrava-se, então, a lista de adjetivos, que incluía entre outros termos amigo, alegre, estudioso, honesto, preguiçoso, com três alternativas (sempre, às vezes, nunca), que era lida pelo pesquisador junto ao sujeito. Verificamos, entretanto, que estes sujeitos apresentavam uma grande dificuldade de entender as instruções e responder ao que era solicitado.

Em função desses problemas encontrados, que ocorreu especialmente entre crianças deficientes mentais, tecemos as seguintes conclusões:

1. É difícil avaliar o autoconceito de crianças excepcionais. Possivelmente as suas limitações em termos de habilidade de leitura, de compreender o que lhe é solicitado, de refletir sobre as suas próprias características e de responder com *insight* torna os dados obtidos com estes sujeitos pouco fidedignos.
2. De modo geral, é interesse dos pesquisadores da área comparar o autoconceito de crianças normais e excepcionais. Dadas as dificuldades por parte dos segundos de responder com *insight*, poder-se-iam questionar as conclusões dos estudos já realizados, especialmente em função da validade questionável dos instrumentos de medida que têm sido utilizados nestes estudos.

Com base nos problemas encontrados, acreditamos que talvez seja relevante investigar outras variáveis que possivelmente podem afetar o autoconceito do excepcional, como, por exemplo, as atitudes do professor e dos pais com relação a esta amostra de sujeito, ou os programas que têm sido propostos para os alunos com diferentes tipos de excepcionalidade. Seria útil que tais programas visassem não apenas os problemas de aprendizagem mas também aqueles relacionados à auto-estima do sujeito.

Sugerimos ainda – em função da dificuldade de se investigar fatores de natureza afetiva em amostra de excepcionais através de escalas e questionários – que estes fatores sejam investigados através de outros métodos e procedimentos, especialmente através da observação do comportamento do aluno em diferentes ambientes e de como o mesmo reage a estímulos e ocorrências na situação escolar.

Summary

This article reports some problems observed in an attempt to evaluate the self-concept of exceptional children. It was observed that these subjects' difficulties in reading ability, in

understanding of commands, in reflecting about their own characteristics and in answering with insight make the data obtained by means of scales and questionnaires little reliable. The investigation of additional variables – such as parents' and teachers' attitudes toward the exceptional children, and the use of other methods and procedures, especially the observation of the children's behavior in different environments – was suggested due to the difficulties in investigating this construct in exceptional children by means of attitude scales.

Referências bibliográficas

Alencar, E. M. L. S. Atitudes de alunos com relação à escola, a si mesmos e aos colegas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 31*, (4): 91-9, 1979.

_____. Influência do tempo de permanência na escola nas atitudes de alunos com relação à escola, autoconceito e relações com colegas. *Educação, 33:* 12-21, 1980.

Alencar, E. M. L. S. & Pasquali, L. Efeito do anonimato nas atitudes de alunos com relação à escola, a si mesmos e aos colegas em função do sexo. *Revista Interamericana de Psicologia, 12*: 195-6, 1978.

Bachar, J. R. Self-concept of academic ability and academic performance among deaf adolescent students in residential and non-residential schools. *Dissertation Abstracts International, 31* (3-A): 1.100, 1970.

Black, F. W. Self-concept related to achievement and age in learning disable children. *Child Development, 45*: 1.137-40, 1974.

Calhoun, Jr., G. & Elliot, Jr., R. N. Self-concept and academic achievement of educable retarde and emotionally disturbed pupils. *Exceptional Children, 43*, (6): 349-59, 1977.

Davidson, H. H. & Lang G. Children's perceptions of their teachers feelings toward them related to self-perception, school achievement and behavior. *Journal of Experimental Psychology, 29*: 107-18, 1960.

Dunn, J. H. The approach-avoidance paradigm as a model of the analysis of school anxiety. *Journal of Educational Psychology, 59*: 338-44, 1968.

Lawrence, E. A. & Winschel, J. Self-concept and the retarded: research and issues. *Exceptional Children, 39*, (4): 310-9, 1973.

Lewis, J. A pictorial attitude scale for elementary pupils. *Educational and Psychological Measurement, 34*: 361-2, 1974.

Lunn, J. D. B. The influence of sex, achievement level and social class on junior school children's attitudes. *British Journal of Educational Psychology, 42*: 70-4, 1972.

McFern, A. R. A self-concept study of adolescents in four areas of excepcionality. *Dissertation Abstracts International, 34* (7-A): 4.040-1, 1974.

Pier, E. V. & Harris, D. B. Age and other correlates of self-concept in children *Journal of Educational Psychology, 55* (2): 91-5, 1964.

Shiffler, N.; Lynch-Sauer, J. & Nadelman, L. Relationship between self-concept and classroom behavior in two informal elementary classroom. *Journal of Educational Psychology*, 69 (4): 349-59, 1977.

Wood, J. H. e Johnson, A. Coopersmith self-esteem inventory scores of boys with severe behavior problems. *Exceptional Children, 38*: 739-40, 1972.

Wynn, L. An investigation of the self-concepts of educable mentally retarded children in institutional and natural home-settings. *Dissertation Abstracts International, 35* (11-A): 7.162, 1975.